



Interações: Cultura e Comunidade

ISSN: 1809-8479

interacoes.pucminas@gmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas

Gerais

Brasil

Soares de Azevedo, Mateus

O SERMÃO DA MONTANHA SEGUNDO A FILOSOFIA PERENE

Interações: Cultura e Comunidade, vol. 7, núm. 11, enero-junio, 2012, pp. 77-86

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Uberlândia Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313027322005>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# O SERMÃO DA MONTANHA

## SEGUNDO A FILOSOFIA PERENE<sup>1</sup>

THE SERMON OF THE MOUNT ACCORDING TO THE PERENNIAL PHILOSOPHY

Mateus Soares de Azevedo<sup>(\*)</sup>

### RESUMO

O Sermão da Montanha é visto aqui como o texto que melhor exprime o cerne da mensagem do Novo Testamento e como uma síntese perfeita da tradição cristã. Pode-se ler toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, mas dificilmente se encontrará algo que supere a sabedoria do Sermão. O texto concentra o maior número de doutrinas e conselhos espirituais perenes e universais de toda a Escritura. Boa parte de tudo aquilo que o leitor da Bíblia dela se recorda deriva do Sermão. Ninguém menos que Santo Agostinho chamou-o “regra perfeita” da vida virtuosa. Fonte de instruções espirituais e morais, o Sermão da Montanha é encarado como a quintessência mesma do Cristianismo. O artigo aborda o Sermão segundo a perspectiva “universalista” da Filosofia Perene e responde a seguinte questão: levando em conta que toda religião comporta duas grandes dimensões, a exotérica e a esotérica, a qual delas o Sermão se refere?

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia Perene. René Guénon. Esoterismo e exoterismo. Mística cristã. Sermão da Montanha.

### ABSTRACT

*The Sermon of the Mount is seen here as the text that best expresses the heart of the New Testament message, and as a perfect synthesis of the Christian tradition. One can read the whole Bible, from Genesis to Revelation, but it will be difficult to find something that surpasses the wisdom of the Sermon. The text has the largest number of perennial and universal doctrines and spiritual advice of all Scripture. Much of what the Bible reader remembers*

---

<sup>(\*)</sup> Mestre em História das Religiões pela Universidade de São Paulo - USP, pós-graduado em Relações Internacionais pela universidade George Washington (EUA) e autor de sete livros de religião comparada e filosofia das religiões. Entre eles *Homens de um Livro Só: o fundamentalismo no Islã, no Cristianismo e no pensamento moderno* (Best Seller, 2008) e *A Inteligência da Fé: Cristianismo, Islã, Judaísmo* (Record, 2005). A edição norte-americana de *Men of a Single Book*, publicada por World Wisdom Books, foi a vencedora do prêmio literário *USA Best Books Awards 2011*, na categoria *Comparative Religion*. E-mail: [mateusaz@hotmail.com](mailto:mateusaz@hotmail.com)

<sup>1</sup> Versão atualizada e aumentada de artigo publicado em inglês na revista *Sophia*, editada em Washington, DC, EUA (Volume 15, Number 1, Summer 2009).

*from it derives from the Sermon. None other than St. Augustine called it the “perfect rule” for the good life. Source of spiritual and moral instruction, the Sermon of the Mount is regarded as the quintessence itself of Christianity. The article discusses the Sermon according to the “universalist” point of view of the Perennial Philosophy, and gives an answer to the following question: taking into account that every religion has two great dimensions, the exoteric and esoteric, to which one of them the Sermon belongs?*

**KEYWORDS:** *Perennial Philosophy. René Guénon. Esoterism e exoterism. Christian mysticism. Sermon of the Mount.*

## INTRODUÇÃO

René Guénon (1886-1951) é considerado por muitos um “gênio” intelectual, sobretudo na exposição da metafísica universal, na explicação do simbolismo religioso, na crítica da mentalidade materialista e relativista do mundo moderno.<sup>2</sup> Mesmo se avaliarmos suas contribuições a partir de uma perspectiva meramente “horizontal” e profana, elas ainda assim podem ser consideradas como notáveis. Haja vista o extraordinário interesse que suas obras até hoje despertam, e isto por parte de leitores espalhados por todo o mundo – muitos dos quais se tornaram “fanáticos” por sua obra e até por sua pessoa, fina e algo enigmática. Mesmo em um país como o nosso, não exatamente conhecido por sua *intelligentsia*, a maioria de seus livros já foi publicada e segue despertando considerável interesse. Por outro lado, o opus guénoniano nos parece apresentar um ponto fraco. E este tem relação com sua abordagem algo “unidimensional” da realidade. Com isso queremos dizer que sua perspectiva é unilateralmente “cerebral” ou “seca” e “matemática”, ainda que no melhor sentido destes termos. Sua obra não tratou, por exemplo, de aspectos fundamentais da vida religiosa e espiritual dos povos, como a importância das virtudes ou da beleza. Guénon de certa maneira foi como um cérebro brilhante, um “matemático” da sabedoria universal, mas carente de alma afetiva, desprovido da dimensão “musical” da existência e de senso do humano concreto. É como se o sol de

<sup>2</sup> Um acadêmico da reputação de Walter Shewring, antigo diretor da principal instituição católica de ensino do Reino Unido, o Ampleforth College, assim se expressou: “René Guénon foi um dos raros escritores de nosso tempo cuja obra é realmente importante... Ele sustentou a primazia da pura metafísica sobre todas as outras formas de conhecimento... [Seus] escritos enfatizam o declínio intelectual do Ocidente desde a Renascença e expõem as superstições da ciência e do progresso. A maior parte de suas teses mostra maior concordância com a autêntica doutrina tomista do que muitas opiniões de cristãos pouco instruídos.” (*The Weekly Review*, Londres, 1942). Frithjof Schuon, Ananda Coomaraswamy, Mircea Eliade, Titus Burckhardt, Marco Pallis, Abdul Halim Mahmud, antigo reitor da universidade de Al-Azhar no Cairo, entre muitos outros autores, expuseram percepções similares acerca de René Guénon.

Guénon “iluminasse”, mas não “aquecesse”. É isto que temos em vista quando falamos em “unilateralidade”, e esta se manifestou com particular intensidade, parece-nos, em sua abordagem da mensagem cristã.

A guisa de ilustração deste ponto, Guénon dizia que a “iniciação” era a *conditio sine qua non* para a realização da Verdade. Ao mesmo tempo, ele informou à esmagadora maioria de seus leitores, ocidentais de origem cristã, que o Cristianismo não oferecia mais uma “iniciação”. E esta carência, segundo ele, remontava já ao século IV DC, quando passou a ser a “religião oficial” do Império Romano. A tradição teria então perdido seu caráter “esotérico”. Caráter este que, por sua vez, precisava a partir de então ser buscado em outra parte. Esta outra parte significava deixar o território cristão, e abraçar, por exemplo, a tradição islâmica, que, com o Sufismo, manteria as duas dimensões necessárias de toda a religião, a esotérica e a exotérica, em equilíbrio. Ou então, ainda segundo Guénon, encarar a religião cristã apenas como a dimensão “exotérica” de um esoterismo a ser supostamente fornecido por organizações ainda “iniciáticas”.

Ora, esta tese nos parece excessiva, para não dizer equivocada, a tradição cristã integral sobrevive, havendo possibilidades de acesso à sua dimensão sapiencial e metafísica. E procuraremos mostrar isso mediante uma interpretação de um de seus principais pilares, o “Sermão da Montanha” – e isto a partir da perspectiva mesma da *Filosofia Perene*, que tem no próprio René Guénon e no metafísico alemão Frithjof Schuon (1907-1998) seus principais porta-vozes. Trabalharemos especificamente em uma resposta para a seguinte questão: se toda religião comporta estas duas grandes dimensões, a exotérica (exterior, legal, geral, ativa) e a esotérica (interior, mística, vocacional, contemplativa),<sup>3</sup> a qual delas o Sermão da Montanha se refere? E mais, caso a resposta seja pela segunda alternativa, a qual modalidade de esoterismo, o “devocional” ou o “sapiencial”?

Pode-se de fato ler toda a Bíblia, do livro do *Gênesis* ao *Apocalipse* de São João, do *Cântico dos Cânticos* de Salomão e dos *Salmos* de Davi às cartas de São Paulo, mas não se encontrará algo que supere a sabedoria do Sermão da Montanha. Não parece haver, de fato, em toda a Sagrada Escritura, uma seção que concentre maior número de doutrinas e conselhos espirituais perenes e universais. Boa parte de tudo aquilo que o leitor da Bíblia dela se recorda

<sup>3</sup> René Guénon foi o primeiro, pelo menos em nossa época, a propor tal conceituação dual, ainda que ela não se aplique *tale quale* à Cristandade, como veremos adiante.

deriva do Sermão: o *Pai-Nosso*; as *bem-aventuranças*; o *sal da terra* e a *luz do mundo*; a porta que se abre a quem bate; as “pérolas” que não devem ser lançadas aos profanos; os “tesouros” a serem acumulados no céu; o oferecimento da outra face etc. E o ponto mais formidável de todos: o amor aos inimigos. Não foi à toa que Santo Agostinho chamou o Sermão de “regra perfeita” da vida virtuosa.<sup>4</sup>

Fonte inesgotável de instruções espirituais e morais, o Sermão é o cerne dos Evangelhos. Vamos mais longe ainda: é a quintessência de todo o Cristianismo. Num poema, Frithjof Schuon pergunta: “*What is Jesus?*” E responde: “*He is the Sermon of the Mount*”.<sup>5</sup>

A doutrina do Sermão é tão elevada, sua poesia tão rica e tocante, seus “conselhos de perfeição” tão nobres e demandantes que evocam toda uma coleção de *Upanixades* – os célebres tratados metafísicos e espirituais que sintetizam a milenar sabedoria da Índia. Curiosamente, o próprio termo sânscrito *upanixade* significa uma aula, uma sessão de ensinamento aos pés do mestre. Pois é isso mesmo o que o Evangelho nos diz acerca do Sermão: Jesus subiu a um monte, seus discípulos se aproximaram, e ele os ensinou. Constituindo a quintessência da via espiritual cristã, o Sermão converge com a seiva sapiencial de outras tradições espirituais da humanidade; já mencionamos a sabedoria hindu, mas sua mensagem evoca também o espírito atemporal do Islã, do Budismo ou do Taoísmo – sobretudo a doutrina dos sufis, dos mestres do Zen Budismo e da Terra Pura e o legado da China tradicional, como exposto, por exemplo, no *Tao te King* de Lao Tse.<sup>6</sup>

Vale, então, *recordar* alguns dos “fulgores” intelectuais que são os ensinamentos transmitidos pelo Sermão, como narrado pelo apóstolo Mateus nos capítulos 5, 6 e 7 de seu Evangelho.

Jesus é seguido por grande multidão depois de difundir a *Boa Nova* por toda a Palestina, ensinando nas sinagogas, curando doentes, realizando milagres. Em dado momento, afasta-se da multidão, sobe a um monte e ensina seus

<sup>4</sup> Em *De Sermonibus Domini in monte* (Edições Santo Tomás, 2003. Tradução de Carlos Nougé).

<sup>5</sup> “Que é Jesus? Ele é o Sermão da Montanha.” Em: *Songs without Names IX* (EUA: World Wisdom, 2006).

<sup>6</sup> No Sufismo, por exemplo, a virtude contemplativa ou a perfeição espiritual (*al-ihṣān*) é sintetizada pelo hadith: “Recorda (ou invoca) Deus como se o visses, pois, mesmo que tu não O vejas, Ele não obstante sempre te vê”. Esta é uma espécie de síntese, nos termos da mística islâmica, da essência dos preceitos contidos no Sermão da Montanha – dado que o contemplativo capaz de atualizá-los perfeitamente deve, antes de tudo, *recordar-se* do Absoluto, origem de toda perfeição.

discípulos. Não foi por acaso que o Sermão foi proferido num lugar alto e, em princípio, apenas para os apóstolos, dado que a multidão aparentemente ficou para trás, na “planície”. Outro sinal disso é o fato de que, segundo o evangelista, Jesus se sentou no início, não falou de pé, indicando uma audiência mais reduzida. Segundo São João Crisóstomo, Cristo quis evitar ver-se envolvido pelas turbas, e por isso subiu a um monte, para falar especialmente aos discípulos mais próximos. No Êxodo, Moisés também sobe a um monte (o Sinai) para receber a lei de Deus; e o próprio Deus impõe limites, ordenando ao povo que não se aproximasse e não ultrapassasse os limites demarcados; o Cristo faz o mesmo para transmitir sua mensagem. Na religião tradicional chinesa, no Taoísmo, por exemplo, a montanha é uma “ponte”, um lócus intermediário entre o Céu e a Terra; há montanhas que são sagradas por este fato, abrigando santuários e sítios de peregrinação; as montanhas são reverenciadas como portais para as “moradas eternas”.

O ensinamento do Sermão começa com as bem-aventuranças:

*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.*

*Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*

*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.*

*Bem-aventurados os (...) sedentos de justiça, porque serão saciados.*

*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*

*Bem-aventurados os de coração puro, porque verão a Deus.*

*Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus.*

*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.*

Quanto à célebre expressão sobre os “pobres de espírito”, vale esclarecer aqui que não se trata de tolos ou ignorantes, eles são assim chamados para indicar que não têm o ego inflado ou o coração inchado, mas sim humilde e pacífico; pobreza de espírito é sinônimo de isenção de orgulho e vaidade. Santo Agostinho, Santo Tomás e Mestre Eckhart, por exemplo, foram sábios cultíssimos, mas eram “pobres de espírito”. Os místicos do Islã são chamados *fujará*, ou faquires, o que quer dizer “pobres (em espírito)”.

Entre seus preceitos, autênticos “cumes” de uma montanha de sapiência, incluem-se a Oração Dominical – foi aí que Jesus rezou pela primeira vez o *Pai-Nosso* -- e a doutrina de que onde estiver o “tesouro” do homem, lá estará

também seu coração. O “tesouro” aqui é o conhecimento e o amor de Deus e do próximo, e não os bens terrenos.

Vêm em seguida as metáforas do sal e da luz: os discípulos autênticos devem ser a “luz do mundo” e o “sal da terra”; se assim não for, não são de fato seus seguidores; não servem para nada, “a não ser para serem jogados fora e pisados pelos homens”.

Outro “cume” do Sermão é representado pela proposta de ir além do prescrito pela lei mosaica, radicalizando-a:

*“Não penseis que vim abolir a Lei ou os profetas; não vim abolir, mas levá-la à perfeição (...) Ouviste o que foi dito: dente por dente e olho por olho, eu, porém, vos digo, não resistais ao malvado. Se alguém te bater na face direita, oferece também a esquerda (...)”*

Desta forma, Jesus propõe a revogação da célebre lei de retaliação (*Lex Taliones*), ensinando seus discípulos a abandonar a engrenagem limitante das ações e reações concordantes do mundo decaído. Mas, pode-se perguntar, como entender este “oferecer a outra face”? De forma literal? Isso vale para todos igualmente? Ao final, nossas respostas.

Outro ponto relevante é a condenação enfática da hipocrisia religiosa, do farisaísmo, que apenas finge uma piedade inexistente e que quer se exibir com uma casca de virtude, sem tê-la de fato. Engana-se, porém, quem crê que o Sermão pare por aí. Sua “cascata” de sapiência prossegue jorrando quando advoga que as coisas santas não devem ser dadas aos profanos, aos “cães” e “porcos” no original. Mostra, assim, que para tudo há um limite e que a caridade tem de ter o discernimento como parâmetro; o amor vem junto do discernimento; devoção com sapiência; *bhakti* e *jnâna*.<sup>7</sup>

“Pede e receberás; busca e encontrarás; batei, e a porta se abrirá”: eis outro inspirado e inspirador ensinamento, que visa incutir o esforço e o sacrifício como condições necessárias da via espiritual, os quais engendram a esperança de o buscador espiritual alcançar um bom resultado. E também: “Cuidado com os falsos profetas, que vêm a vós em vestes de cordeiro, mas interiormente são lobos vorazes. Por seus frutos os conhecereis. Pois uma árvore boa não produz fruto amargo e a planta ruim não gera frutos bons.” Aqui, trata-se de uma receita infalível de discriminação intelectual; de fato, há maneira melhor de avaliar pessoas e acontecimentos segundo os frutos que produzem – pelas consequências de suas ações?

<sup>7</sup> Termos emprestados da sabedoria da Índia; *bhakti* é a via da devoção e do amor; *jnâna*, do conhecimento e da sabedoria.

“Não julgueis para não serdes julgados”: eis uma prescrição que se presta a mal-entendidos. Ela se aplica, explica William Stoddart, “ao nosso egoísmo, ao nosso subjetivismo, ao nosso interesse próprio, e não exclui a realidade da objetividade, e menos ainda abole a verdade”.<sup>8</sup> Ou seja, o “julgamento” deve ser feito com isenção, imparcialidade, objetividade, e não segundo nossos interesses ou paixões, individuais ou coletivos.

Desnecessário realçar o quanto são árduos, exigentes, difíceis de pôr em prática os preceitos do Sermão; daí justamente nossa questão: é ele dirigido a todos os fiéis sem exceção, ou a uma elite espiritual? Pertence ao campo exotérico ou ao esotérico?

A resposta inicial é que o Sermão pertence ao segundo campo. Mas ela não contém a totalidade da verdade, dado que não esgota a complexidade do assunto. Se na origem e *de facto* a tradição cristã é por natureza esotérica, ela teve de, por assim dizer, desdobrar-se no sentido de comportar uma “aplicação exotérica” -- para dar conta de sua missão como religião integral dirigida a todos os homens, isto é, a homens de todos os temperamentos espirituais.

Ou seja, o Cristianismo permanece um “esoterismo”, por mais que tal fato seja negligenciado ou mesmo descartado. Na melhor das hipóteses, podemos falar dessa aplicabilidade ‘exotérica’, mas o principal aqui é que o Cristianismo em si mesmo permanece um “esoterismo”. Desnecessário enfatizar o quanto esses fatos são demasiadamente complexos e repletos de matizes, o que não facilita sua exposição e discussão. Assim, os ensinamentos do Sermão da Montanha pertencem à dimensão espiritual ou “esotérica” da prática religiosa e, por essa razão, foram chamados de “conselhos de perfeição”; somente os santos e os santificados os põem plenamente em prática. Mas, como o Cristianismo constitui em princípio uma “via esotérica” tornada religião mundial e integral,<sup>9</sup> o Sermão se aplica simultaneamente a todos os tipos de homem, e não somente aos santos. De fato, ao final, Cristo mesmo diz que sua prática é requerida de todos.<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Na Introdução ao nosso “*Homens de um livro só: O Fundamentalismo no Islã, no Cristianismo e no pensamento moderno*” (Rio de Janeiro: Best Seller, 2008).

<sup>9</sup> Se Cristianismo e Judaísmo constituíssem uma só tradição, o primeiro seria a dimensão esotérica e o segundo a exotérica. Enquanto Moisés foca no perfeito cumprimento das prescrições da *lei* revelada, o Cristo foca na *interiorização* da essência da lei, que aponta para o amor de Deus e do próximo; interiorização da “letra” em vista do “espírito que vivifica”, como escreveu Frithjof Schuon em *Sur les Traces de la Religion Perenne* (Paris: Le Courrier du Livre, 1982).

<sup>10</sup> Vale lembrar aqui um comentário pertinente de Lutero, que disse que somente o Cristo pôs efetivamente em prática todos os ensinamentos contidos no Sermão da Montanha. Isso só pode significar que seu grau de dificuldade é manifesto.



Desse modo, o aparente paradoxo representado por prescrições que se dirigem aos santos, mas são, simultaneamente, requeridos de *todos* pelo próprio fundador da religião, resolve-se pelo recurso à doutrina dos graus de realização espiritual. Sim, apenas uma “elite contemplativa”, ou “esotérica”, sabe como praticar integral e plenamente os conselhos, mas todos os fiéis -- as “camadas exotéricas” -- são chamados a trilhar essa via de perfeição, de acordo com seus melhores esforços e capacidades, e com a ajuda da graça. A própria economia espiritual da tradição cristã explica tal dificuldade, dado que ela constitui essencialmente um “esoterismo de amor e sabedoria” que forjou uma aplicação exotérica – diferentemente, neste aspecto, do Islã, religião que, a despeito de compartilhar com o Cristianismo um mesmo monoteísmo semita e abraâmico, possui as duas dimensões (a exotérica e a esotérica) claramente definidas e separadas, ao passo que no Cristianismo elas estão “fundidas”, por assim dizer, num único corpo. As duas dimensões não são abolidas na tradição cristã, elas continuam existindo, mas suas fronteiras estão como que borradas e dependem do nível de entendimento e comprometimento espiritual do fiel.<sup>11</sup>

Em outras palavras: o Sermão em princípio pertence ao campo esotérico e somente o Cristo, os santos e os santificados fazem a passagem da “potência ao ato”, como diriam os escolásticos. Mas, em sua qualidade de “esoterismo *bháktico-jnânico*”, destinado a ser uma religião integral e mundial, dirigida a todos os tipos de homens, portanto, e não apenas a uma elite espiritual, o *Sermão* – que é a quintessência do Cristianismo – abrange simultaneamente as dimensões exotérica e esotérica, reportando-se desse modo a todos. Isso significa que o preceito de oferecer a outra face deve ser levado em conta por todos e deve figurar como modelo e parâmetro de perfeição espiritual, ainda que nem todos, ou melhor, muito poucos, possam de fato praticá-lo – mas estamos *todos* obrigados a nos esforçar para tanto. O mesmo vale para a mais difícil das passagens do discurso: *Diligite inimicus vestros*.

*Amar os inimigos* é o mais rigoroso e formidável dos preceitos, como Santo Agostinho o qualificou no seu tratado sobre os Salmos. “É tão dificultoso, diz o padre Antônio Vieira, que os gentios o tiveram por impossível, e muitos hereges também (...), é a mais árdua empresa da religião cristã; se entre os homens há tão poucos que amem verdadeiramente a seus amigos, quão di-

<sup>11</sup> Por exemplo: o rito eucarístico é esotérico ou exotérico? Ele é claramente esotérico, mas sua plena *atualização* depende do nível de compreensão doutrinal e de realização pessoal do fiel. Segundo Frithjof Schuon, ele pode, paradoxalmente, ser exotérico para os fiéis exoteristas e esotérico para os esoteristas.

ficullosa e repugnante coisa será à natureza humana chegar a amar os próprios inimigos?”<sup>12</sup>

Ao final do Sermão, o Cristo diz que sábio é o homem que ouve suas palavras e as põe em prática, e que, assim, “constrói sobre rocha”. Ao passo que o insensato apenas escuta, não realiza: “*Todo aquele que ouve essas minhas palavras e não as pratica será semelhante ao homem insensato que constrói sua morada sobre areia; cai a chuva, transbordam os rios, sopram os ventos e investem contra tal casa e ela cai, e grande é sua ruína*” (Mateus, 7: 24-27).

Isso levanta novamente a questão de como resolver o paradoxo acerca da abrangência da audiência do Sermão. A resposta, mais uma vez, aponta para a ideia dos “graus” da realização espiritual; em outras palavras, somente os “esoteristas” – sejam eles católicos, ortodoxos (ou protestantes) – têm condições de atualizá-lo realmente, mas a maioria dos fiéis, os “estratos exotéricos”, é igualmente chamada a esta via “estreita” e difícil, que exige a negação de si e o carregamento da própria cruz.

Como o padre Vieira costumava dizer: o sermão ideal não é aquele em que os homens saem contentes com o pregador, mas sim descontentes consigo mesmos!

O caráter excepcional do Sermão da Montanha, contudo, é provado também pelo fato de obter ambos os resultados: produz o descontentamento com nós mesmos e, simultaneamente, o contentamento com o melhor dos pregadores!

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Padre Antônio Vieira Essencial*. S. Paulo: Penguin-Companhia, 2012.

GUÉNON, René. *A crise do mundo moderno*. S. Paulo: Irget, s/d.

GUÉNON, René. *Símbolos da ciência sagrada*. S. Paulo: Pensamento, 1995.

GUÉNON, René. *O reino da quantidade e os sinais dos tempos*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

GUÉNON, René. *Aperçus sur la initiation*. Paris : Editions Traditionnelles, 1946.

GUÉNON, René. *O simbolismo da cruz*. S. Paulo: Irget, s/d.

LINGS, Martin. *Sabedoria tradicional & superstições modernas*. S. Paulo: Polar, 1990.

<sup>12</sup> No seu sermão para a primeira sexta-feira da Quaresma.

SCHUON, Frithjof. *A Unidade Transcendente das Religiões*. S. Paulo: Irget, 2012.

\_\_\_\_\_. *Forma e Substância nas Religiões*. S. José dos Campos: Sapientia, 2010.

\_\_\_\_\_. *A transfiguração do homem*. S. José dos Campos: Sapientia, 2009.

\_\_\_\_\_. *Songs without Names*. EUA: World Wisdom, 2006.

\_\_\_\_\_. *Para Compreender o Islã*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *O sentido das raças*. S. Paulo: Ibrasa, 2002.

\_\_\_\_\_. *O homem no universo*. S. Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. *Sur les Traces de la Religion Perenne*. Paris: Le Courrier du Livre, 1982.

SOARES DE AZEVEDO, Mateus. *Homens de um livro só*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2008.

\_\_\_\_\_. *A inteligência da Fé: cristianismo, islã, judaísmo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

\_\_\_\_\_. *Christianity & the Perennial Philosophy*. EUA: World Wisdom, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ocultismo & Religião em Freud, Jung e Mircea Eliade*. S. Paulo: Ibrasa, 2012.

STODDART, William. *What does Islam mean in today's world?* EUA: World Wisdom, 2012.

\_\_\_\_\_. *What do the religions say of each other?* EUA: Sophia Perennis, 2009.

\_\_\_\_\_. *Remembering in a world of forgetting: thoughts on tradition and postmodernism*. EUA: World Wisdom, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira*. S. Paulo: Cia das Letras, 2012.

*Recebido em 07/10/2011*  
*Aprovado em 11/05/2012*